

Choque de futuro: o Rio dos megaeventos

Jorge de La Barre¹

Resumo

Em preparação para os megaeventos de 2014 e 2016, a cidade do Rio de Janeiro está vivendo num choque de agenda permanente, caracterizado por importantes projetos de *reengineering* urbano, remoções e pacificação de favelas. Este ensaio explora o Rio dos megaeventos (esportivos e outros), e questiona o lugar do social num paradigma marcado pelo futurismo e pela tecnocultura que talvez esteja anunciando uma nova economia política: a economia política dos megaeventos.

Palavras-chave

Megaeventos; Rio de Janeiro; *Reengineering* urbano; Remoções; UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora).

Future Shock: Mega-Events' Rio

Abstract

In preparation for the mega-events of 2014 and 2016, the city of Rio de Janeiro is experiencing a permanent clash of agenda, characterized by important urban reengineering projects, population removal and slums pacification. This essay explores the Rio of (sports and other) mega-events, and questions the place of the social in a paradigm marked by futurism and by technoculture that perhaps is announcing a new political economy: the political economy of mega-events.

Keywords

Mega-events; Population removal; Rio de Janeiro; UPPs (Pacification Police Units); Urban reengineering

Introdução: choque de agenda

“(…) Klein’s book [*The Shock Doctrine*, 2008] is a valuable insight into recent history. What relationship does sport – and especially sports mega-events – have with disaster capitalism? (...) we suggest that [the] sporting spectaculars can be viewed as the twin of disaster capitalism’s shock therapy, involving their own shocks and generating their own forms of awe. Winning a bid to host a mega-event, putting the fantasy financial figures of the bid document into operation, dealing with the proposed location before and dealing with it after the event has taken place, are just some of the moments when shock and awe are generated by sports mega-events. The city of Rio de Janeiro offers an interesting study on the extent to which an Olympic Games and a World Cup will impact, positively and negatively, on the ecology of a city with massive poverty, crime and drug use.”² (HORNE e WHANNEL, 2012, p. 203).

Ao longo da quase década 2007-2016, o Rio de Janeiro terá recebido quase um megaevento (esportivo ou não) por ano: Jogos Panamericanos de 2007, Fifa-FanFest de 2010, Rock in Rio de 2011, Rio+20 de 2012 (ano em que o Rio entrou também no patrimônio da humanidade da UNESCO na categoria “Paisagem cultural”), Jornadas Mundiais da Juventude e Copa das Confederações ambas de 2013, Copa do Mundo de 2014, e finalmente o *sumum*, as Olimpíadas de 2016 – sem falar dos carnavais e réveillons anuais, banais rotinas em comparação com esse frenesi de megaeventos.

O Rio de Janeiro está vivendo um verdadeiro choque de agenda, inteiramente (pre)definido pelo calendário executivo dos megaeventos. Esse choque cria uma fuga do presente, agora reduzido à construção do futuro. Fuga permanente rumo ao futuro dos megaeventos, a temporalidade extraordinária se sobrepõe à temporalidade lenta do social. Temos uma compressão, uma aceleração do tempo. Como num filme *time-lapse*, a cidade está se projetando no futuro; o presente desaparece para deixar espaço ao movimento acelerado das transformações para os megaeventos. Parece até que o futuro já chegou, que já estamos lá: “Para o Rio, o futuro é hoje”, escrevia o arquiteto Sérgio Magalhães, em 2010. Ainda hoje, em

2012, estamos nesse presente cheio de futuro, e é provável que lá permaneçamos ainda pelo menos até o tão esperado ano 2016 das Olimpíadas.

Essa experiência de um presente singular que desaparece em favor de um futuro necessariamente melhor não está sem ambivalência: o futuro dos megaeventos se torna escapismo; a contingência do presente, escapável. O choque de progresso (o *reengineering* urbano em nome dos megaeventos) justifica o choque de ordem (as UPPs e as remoções), e talvez também anuncie, ao horizonte de um “pós-2016” feito de cultura digital e de economia criativa, um Rio tecnocultural “pós-humano”.

Choque de progresso: o *reengineering* do Rio

Poucos meses antes da sua reeleição em outubro de 2012, o Prefeito do Rio Eduardo Paes escrevia, no seu editorial ao boletim informativo *Porto Maravilha* de junho de 2012:

A Operação Urbana *Porto Maravilha* é uma forma planejada de (re)construir a cidade. (...). O Rio será excelência na transmissão de dados e voz. Em pouco tempo, moradores da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, assim como empresas instaladas na Região Portuária, terão conexão de alta velocidade, comparável à das mais modernas cidades do mundo.³

Assim reunidas, essas duas frases sintetizam o atual projeto de cidade para o Rio de Janeiro: reconstrução urbana planejada, e centralidade dos meios de comunicação digital, comparáveis às “das mais modernas cidades do mundo”. Significativamente, o editorial do Prefeito do Rio intitulava-se “A nova engenharia da Cidade Maravilha”, ou seja: o *reengineering* da Cidade Maravilha... Cidade Maravilha, sem esquecer seu Porto – “Maravilha” ele também, e até “sonho que virou realidade”⁴.

De todos os prefixos “re” aplicados ao urbano (são muitos: *renovação*, *recuperação*, *requalificação*, *revitalização*, *reurbanização*, *ressignificação*, *reinvenção*, *recosmopolitanização*, etc.), o *reengineering* raramente é o primeiro que venha à mente⁵. Talvez seja ele, no entanto, o mais revelador de uma ambição de abordar a cidade como um todo para transformá-la. Os bairros da cidade podem ser requalificados, reurbanizados ou ressignificados, mas o *reengineering*, com sua abordagem holística,

aplicar-se-ia à cidade inteira. Verificaríamos, porém, que o *reengineering* aplicado à cidade concentra-se essencialmente nos planos urbanístico e tecnológico (ou seja, nas infraestruturas e na gestão de fluxos de todos tipos, inclusive os de informação), e que nesse contexto, os megaeventos se tornaram ao longo das duas últimas décadas um dos seus principais motores de transformação.

Parte visível de um processo muito mais amplo, os megaeventos seriam então o pretexto para repensar, planejar e executar uma transformação profunda da cidade do Rio, afim de urgentemente fazer dela uma cidade “de fluxos”, “global”, “cosmopolita”, “inteligente”, “criativa”, “tecnológica”, “festiva”, “sede” (*host city*), e talvez, sobretudo, afinal, “(ainda mais) atrativa” – isto é, principalmente, para os investidores e o turismo de massa. Nesse sentido os megaeventos representariam a megarrétórica de todos os “re” acima referidos.

Sendo o *reengineering* da cidade essencialmente tecno-urbanístico, podemos questionar o lugar do social nesse processo, se tanto que o social represente qualquer forma de preocupação. A não ser que exista uma incompatibilidade, um antagonismo entre o social e o *reengineering* tecno-urbanístico, o social, enquanto preocupação, brilha de fato pela sua ausência nas prioridades definidas para o *reengineering* urbano. No Rio de Janeiro atual, as remoções são o lado obscuro dos megaeventos, e em última instância do *reengineering*. Os processos tecno-urbanísticos em curso na Cidade Maravilha estariam dando luz no melhor dos casos a um *Rio de Jano*, cujas duas faces poderíamos chamar de um lado, o *Rio Re-Maravilha* com seus megaeventos para uma cidade global e festiva e, do outro lado, o *Rio Distópico* com suas remoções e violações dos direitos humanos.

O *business management* na era das novas tecnologias

O *reengineering* é uma estratégia de *business management* cuja ambição é assistir as organizações em repensarem como elas fazem seu trabalho e ajudá-las a melhorarem o serviço ao consumidor cortando os custos operacionais para que se tornem competidores de classe mundial. *Reengineering* significa o repensar fundamental, o redesenhar dramático dos processos de negócio para conseguir melhorias nas medidas críticas da eficácia contemporânea: custo, qualidade, serviço, e rapidez (HAMMER e CHAMPY, 1993). Trata-se de uma abordagem holística visando atingir ou pelo menos aproximar-se da “qualidade total”⁶, na qual as quatro dimensões de organização, tecnologia, estratégia, e pessoas, devem submeter-se a uma visão em termos de processos. Contudo, o foco está na eficácia e na

tecnologia ao detrimento das pessoas. Assim, *reengineering* não significa mudança só, mas sim mudança radical. Nascido no contexto da crescente globalização da economia a partir dos anos 1990, o *reengineering* é praticamente contemporâneo da generalização da implementação das tecnologias de informação nas empresas e instituições. A ideia era aproveitar essa implementação para racionalizar os processos existentes na organização.

Apesar de constituir um fator de risco (de fracasso) muito grande e das críticas (deshumanização do trabalho, aumento do controle administrativo, justificação de maiores reduções da força de trabalho, e renascimento do Taylorismo sob um novo apelido), o *reengineering* foi adotado num ritmo acelerado ao longo dos anos 1990, porque os benefícios podiam ser muito grandes. De fato, muitas empresas fizeram do *reengineering* um pretexto para reduzir a força de trabalho de forma dramática. O ponto principal do *reengineering* pode resumir-se numa palavra só: competitividade – a justificativa para todos os efeitos colaterais acima mencionados⁷.

Não é somente contemporâneo das novas tecnologias de informação e comunicação, o *reengineering* é o *business management* da era das novas tecnologias. Assim, o *reengineering* urbano se entende ele também dentro do contexto das novas tecnologias. Os dois – *reengineering* urbano e novas tecnologias – são os aliados perfeitos para uma transformação *top-down* radical e dramática, na qual os territórios urbanos devem se *conformar*, no sentido literal, adotando os contornos dos mapas virtuais (pre)definidos pelos planejamentos estratégicos.

A era dos legados: megaeventos, planificação do mundo e aceleração do tempo

“Here I was in Bangalore – more than five hundred years after Columbus sailed over the horizon, using the rudimentary navigational technologies of his day, and returned safely to prove definitively that the world was round – and one of India’s smartest engineers, trained at his country’s top technical institute and backed by the most modern technologies of his day, was essentially telling me that the world was flat – as flat as that screen on which he can host a meeting of his whole global supply chain. Even more interesting, he was citing this development as a good thing, as a new milestone in human progress and a great opportunity for India and the world – the fact that we had made our world flat!”⁸(FRIEDMAN, 2005, p. 7).

Na era dos megaeventos, o futuro é sempre um futuro próximo, marcado pela extraordinariedade e pela urgência. Assim, a era dos megaeventos é também uma era de legados, sejam eles passados, antecipados ou pré-planejados. Todos os megaeventos devem ser hipervisíveis e se tornarem comparáveis. No mundo da transparência midiática global dos megaeventos o “mundo plano”, descrito pelo jornalista norte-americano Thomas Friedman, torna-se *hiperplano*.

Além dos choques e outros impactos chocantes, a acumulação de megaeventos gera uma “surra” de legados⁹. Assim, o próprio megaevento desaparece em favor do seu próximo – cada megaevento sendo avaliado em função do seu carácter *exemplar* (a imitar ou a evitar), para um outro megaevento a chegar no próximo futuro. É assim, por exemplo, que o casamento real em 2011 entre o Príncipe William e Kate Middleton, considerado um sucesso, foi também um teste de gestão de fluxos e de segurança para as Olimpíadas que iam decorrer em Londres no ano seguinte, 2012. No mundo hiperplano dos legados, o próprio do megaevento seria apenas de representar – positiva ou negativamente – um marco para seu próximo.

Seguindo essa lógica, o Rio estará, entre 2014 e 2016, em competição contra ele próprio – qual que seja o resultado da Copa do Mundo de 2014 em termos propriamente futebolísticos. No entanto, a Cidade Maravilha encontra-se “sob os trilhos de Londres”, e terá que aprender muito rapidamente “as lições que (...) pode tirar das Olimpíadas de 2012, uma das mais bem organizadas da história”¹⁰. Na lógica própria dos megaeventos, o próprio resultado do “jogo” não é o que mais interessa (pois, quem sempre acaba ganhando de qualquer forma são as empreiteiras). Assim, além de ser um *não*-evento (por ser tão planejado como veremos mais à frente), o megaevento é fundamentalmente pretexto para um outro jogo muito mais potente, jogado em outras instâncias, muito além dos valores de competição fraterna e da nobreza do esporte.

Na página “Lições olímpicas” editada pelo *O Globo* durante a última semana de campanha pelas eleições municipais de 2012, analisavam-se os legados das ex-cidades-sede. Ficava claro que o mandato Prefeito 2012-2016 seria um mandato global, prioritariamente dedicado à boa execução dos megaeventos de 2014 e 2016, e tornando de fato secundárias todas as outras políticas. Na edição de 6 de outubro do jornal *O Globo*, eram assim descritas as “visões distintas da marca que as Olimpíadas devem deixar”, sublinhando que o megaevento de 2016 iria “definir futuro da cidade e da vida política do novo prefeito”, e que “a oportunidade única é um desafio que não pode ser desperdiçado por quem o carioca escolher.”¹¹

Temos um alinhamento, uma formatação global das cidades-sede (passadas e futuras), que devem se tornar comparáveis. As ex-cidades-sede se tornam *modelos*, representações delas próprias *for future reference*¹². Modelo-marca, modelo patrocinado, modelo-vitrine, modelo que está na moda e que todo o mundo quer imitar, modelo-publicidade, etc.¹³ Com efeito, a forma e a capacidade de receber os mesmos eventos globais não pode ser tão diferente de uma cidade para a outra. Para os megaeventos, as cidades-modelo devem conformar-se a um modelo único chamado “sucesso”. *E não há outro modelo.*

Quando se fala de legado, raramente se fala de (não-)legado social, mas sim de legado arquitetônico ou urbanístico. Existe uma temporalidade própria dos megaeventos. A temporalidade atual do Rio de Janeiro está integralmente (pre) definida pelo choque de agenda. O tempo social desaparece, deixando espaço integral para a hipertemporalidade. O frenesi da preparação para os 2014 e 2016 dita uma nova relação ao tempo: o “banal cotidiano” vira um parêntese, o passado um patrimônio, e o presente uma fuga eufórica permanente, rumo a um futuro cada vez mais tecnológico¹⁴. Estamos fora do presente, ou melhor dito: estamos num presente cheio de futuro. Temos um efeito de virtualização da experiência direta em relação a uma (pre)visão ecstática, e uma aposta para um futuro necessariamente melhor da qual a especulação imobiliária é a manifestação mais visível (e rentável). O progresso hoje tem um nome: *megaeventos*. E o progresso continua sendo a forma única de causalidade histórica, que justifica tudo. Assim, o choque de progresso justifica o choque de ordem.

Choque de ordem: remoções e outras UPPs

No Rock in Rio de 2011, o sucesso da operação mediou-se em toneladas de batata frita vendida, hectolitros de bebida e refrigerante, e outros milhares de visitantes (porém, não foi possível calar os quilômetros de engarrafamento). Nas cidades de (gestão de) fluxos, o fator-sucesso é sempre um valor quantitativo, o mais elevado melhor. O megaevento sendo o entretenimento de massa *par excellence*, sempre esperadas são as toneladas do sucesso.

Esse paradigma quantitativista tem uma face muito mais sinistra, pois temos um outro tipo de contabilização em nome da preparação para os megaeventos de 2014 e 2016 no Rio de Janeiro. Apesar das resistências e de múltiplas denúncias (ver, por exemplo, COMITÉ Popular..., 2011; MASCARENHAS *et al.*, 2011; VAINER, 2011), as moradias destruídas e as famílias e comunidades removidas já

se contam em milhares. Relativo às UPPs, a lógica contabilística não é tão diferente. Em outubro de 2012, quase 30 favelas foram ocupadas pela polícia pacificadora – o objetivo do Secretário estadual de Segurança José Mariano Beltrame é de “chegar” a 40 favelas com UPP em 2014.

A era dos *rankings* 1: horizontalização das singularidades

Em nome da preparação para os megaeventos, a favela já não é só favela: ela é favela com UPP, ou favela ainda não com UPP. Sem querer, as favelas cariocas entram na era aparentemente transparente e altamente competitiva dos *rankings*.

O *ranking* é uma operação contabilística na qual todas as experiências da vida concreta vão sendo elevadas ao nível do modelo abstrato, do mapeamento. Enquanto mapeamento, o *ranking* virtualiza os territórios da vida concreta; enquanto dispositivo classificatório, ele revela uma obsessão hegemônica de ordenar a todo custo qualquer situação num plano hierárquico, em função de critérios considerados significativos (isto é, claro, dentro da própria lógica do *ranking*). Com essa lógica classificatória as experiências vividas, nas suas singularidades e irreducibilidades, tendem a desaparecer em favor da sua modelização, da sua virtualização.

Se, com as UPPs, as favelas são alvo de uma avaliação quase em tempo real cujo âmbito primeiro é medir o impacto da ocupação policial no que diz respeito ao sentimento de segurança dos seus moradores, assistimos à crescente visibilização de novos elementos, considerados representativos da favela com UPP enquanto modelo emergente. Além do contexto da criminalização, na qual a percepção da condição de “favelado” tem-se mantido tradicionalmente, a nova era (dos *rankings*) das UPPs está de fato “quebrando paradigmas”¹⁵.

Contudo, aplicada às favelas cariocas, sejam elas ou (ainda) não pacificadas, a técnica do *ranking* opera uma mudança profunda na (auto-)representação da favela. Além da própria pacificação - legitimamente o elemento mais visível da política pacificadora -, surgem novas dimensões, nomeadamente medidas em termos de acesso aos direitos e à cidadania (OLIVEIRA, 2012; JOVCHELOVITCH, 2012). Destacam-se igualmente a formalização da economia, a modernização das infraestruturas, o acesso às novas tecnologias, e talvez, sobretudo, a visibilidade das favelas pacificadas em relação ao exterior. A política de pacificação sendo também uma política de comunicação, não é surpreendente assistirmos a um novo tipo de narrativa louvando a atratividade das favelas cariocas pacificadas “para o Inglês (vi)ver”¹⁶.

Não podemos negar o fato de que as UPPs contribuem de forma muito significativa para a redução da criminalidade¹⁷, e para a sensação de segurança dos cariocas, sejam eles moradores do morro ou moradores no asfalto¹⁸. A normalização da economia e do acesso aos serviços¹⁹ é também uma nova realidade. No entanto, a visibilidade midiática das UPPs gera também os seus próprios *rankings*²⁰. Não cabe fazer aqui uma lista das novidades trazidas pelas UPPs. Citaremos apenas aquelas que, citadas pelo *O Globo*, nos parecem ser significativas de uma mudança na representação da favela.

Falando de atratividade, as favelas ocupadas trazem novas oportunidades de negócios²¹, ganham liberdade política²² e visibilidade global²³, fazem os cariocas se misturarem pela “cidade múltipla”²⁴, se tornam pontos turísticos²⁵. A *traçabilidade* das favelas com UPP é também considerada uma vitória²⁶. As favelas ocupadas destacam-se particularmente no que diz respeito às novas tecnologias²⁷; assim aprendemos com alguma surpresa que, por exemplo, os moradores de favelas ocupadas são os mais conectados de todo o Brasil²⁸. Símbolo forte de modernidade, a tecnologia também aparece como fator de paz e igualdade²⁹.

O êxtase da tecnocultura parece marcar um ponto definitivo na normalização das favelas ocupadas, e por extensão do Rio de Janeiro dos megaeventos. Em outros termos, o acesso às novas tecnologias pelas favelas ocupadas chega a representar integralmente a normalização da cidade como um todo. Os fluxos de investimentos em tecnologia e outros “tsunamis de ações”³⁰ é que deverão dar continuidade, acredita-se, aos fluxos da pacificação. E por fim, talvez tudo se resolva numa festa carioca, bem pacificada³¹.

Para fechar esse “tsunami de *rankings*”, que fundamentalmente aponta para uma horizontalização das singularidades, voltemos à Zona Sul daquele postal: a praia de Copacabana. Pois, além das UPPs nos morros, o crime resistiria no Rio de Janeiro. Se a praia de Copacabana está na lista negra das “praias mais perigosas do mundo”, não seria por causa dos (verdadeiros) tsunamis (ou outros fenômenos naturais), nem por causa dos tubarões ou da poluição humana, mas sim por causa... do “crime”³².

A era dos *rankings* 2: verticalização do ponto de vista

Na era dos *rankings*, a horizontalização das singularidades tem como suporte principal a verticalização do ponto de vista. Graças à tecnologia, nós nos extraímos da realidade para olhá-la de cima; acreditamos que essa mudança de ponto de vista possa solucionar magicamente o “problema” observado.

Durante a Rio+20 em junho de 2012, o público carioca passeando pela Cinelândia, pôde assistir a uma exposição do fotógrafo francês Yann-Arthus Bertrand, intitulada “A terra vista do céu”. Caindo *à point nommé* nesses dias de consciência ambiental afirmada, a exposição mostrava em dezenas de painéis fotográficos, erguidos em série na Praça Floriano, em frente ao Theatro Municipal, vistas áreas bastante estetizadas do nosso planeta onde podia contemplar-se tanto a beleza exuberante das paisagens naturais quanto os desastres ecológicos e outras poluições, causadas pelas indústrias humanas. O que se esperava dessa exposição (pelo menos no olhar do próprio fotógrafo que trabalha neste sentido há mais de vinte anos), era que surgisse e se afirmasse uma preocupação pública global para a questão da sustentabilidade planetária, incentivando uma mudança de atitude, mais “consciente”, em relação à nossa responsabilidade humana frente a um planeta ameaçado³³.

Assim, “A terra vista do céu” parecia sugerir que a solução para os problemas do nosso planeta começava pela nossa própria (necessidade de) mudança de ponto de vista, pela nossa capacidade de nos extraírmos, de nos desenraizarmos pelo menos momentaneamente, a fim de ganharmos, graças à tecnologia adequada, uma visão global – a única capaz, se for, de dar início a qualquer mudança, começando pela nossa própria atitude. O teleférico que sobrevoa o Complexo do Alemão participa dessa nova visão. Ao não resolver o complexo problema da favela, ele permite pelo menos renovar o ponto de vista, amenizando as asperidades e esteticizando-as talvez um pouco. Da terra vista do céu à favela vista do céu, seria mais uma vez apenas uma questão de ponto de vista...

Além dos rankings: reflexividade hiperflexível

O projeto do Museu do Amanhã parece marcar um passo mais à frente: o seu objetivo seria de fomentar a reflexividade interativa do público a fim de incentivar futuras inovações e fazer com que a imaginação do visitante seja estimulada para produzir novos futuros no futuro. Futuro “ícone da revitalização da Zona Portuária” segundo o Prefeito Eduardo Paes³⁴, o Museu, cuja abertura está prevista para 2014, será um “museu das possibilidades” (CDURP, 2012), dispositivo repleto de arquitetura flexível e de tecnologia interativa capazes de encorajar a criação de “coisas” que ainda não existirão. Em outros termos o contrário do museu tradicional, que somente “sabe” (re)coleccionar tudo aquilo que já existiu – o que dá para lembrarmos o quanto a (crença no poder da) imaginação criadora (para criar novos mundos) deve hoje em dia à tecnologia.

Nos ambientes flexíveis e interativos das cidades inteligentes do próximo futuro, poderemos falar com as paredes sem passarmos de loucos, profetizava recentemente, não sem ironia, o curador do Museu do Amanhã Luiz Alberto Oliveira, durante um seminário sobre “Cidades, futuros possíveis”³⁵. Henri-Pierre Jeudy (2005) notou o espetacular poder de reflexividade das sociedades contemporâneas, para as quais o patrimônio torna-se a única garantia da espessura do tempo. Doravante, o simbólico seria (reduzido) ao serviço exclusivo da conservação patrimonial. Pelo que parece, o projeto do futuro Museu do Amanhã conseguiria efetuar uma inversão, ou melhor, uma superação desse processo. Além da economia simbólica (MILES, 2007) que acelera a permanente patrimonialização do passado reciclando-o no presente, a economia criativa hiperreflexiva do futuro Museu do Amanhã patrimonializaria pro-ativamente o futuro, à medida em que ele está sendo inventado, antecipando-o e internalizando-o em tempo (quase) real.

O projeto do Museu do Amanhã foi apresentado ao público durante a Rio+20 numa exposição, sediada no Forte de Copacabana, que eu tive a ocasião de visitar no seu último dia. Espécie de gabinete de curiosidades *for future reference*, a exposição “://HUMANIDADE2012” terá-me sugerido o que poderia ser um *patrimônio do futuro*, além do (possível) futuro do patrimônio. É como se, em 2012, a humanidade (pelo menos a representada pelos idealizadores da “://HUMANIDADE2012”) tivesse desejado deixar *todo* o conhecimento humano acumulado ao longo dos séculos numa cápsula espacio-temporal para as futuras gerações verem, caso - quem sabe? - a própria humanidade desaparecesse durante a Rio+20. Apeleção sugestiva, a “://HUMANIDADE2012” dava para pensar imaginando... será que a própria humanidade virou patrimônio... da humanidade em 2012 (ou seja, patrimônio dela própria)?! Será que em 2013, já entraríamos na “pós-humanidade”? Em todo caso, o *modelo* de humanidade para um eventual futuro do pós-2012 não demorou mais do que os 15 dias da Rio+20. A espetacular cápsula espacio-temporal terá sido afinal efêmera.

Nesse último dia da exposição, a massa humana era compacta, e só podíamos ficar circulando sem possibilidade de parar o (nosso próprio) fluxo. A cada quinze metros, um segurança, gentilmente intimando a ninguém em particular um repetido “seguindo o fluxo, por favor!”. Tudo era movimento, fluxo, e nós, fluxo humano, eramos o movimento. Eramos nós, afinal, a “://HUMANIDADE2012”: fluxo permanente e fascinado. Pois, o lance era bem

esse, era ficar circulando só. A massa fluindo, desfilando sem parar, sem talvez nem ver nada nos corredores metálicos que levavam às salas escuras, apenas iluminadas refletidamente pelas telas onde, lá também, desfilavam os fluxos infinitos da informação digital do mundo em movimento virtual: a Terra, o Brasil, a biodiversidade, o humano, a natureza, ... estatísticas infinitas que não tínhamos nem tempo de ler. Fluxo nosso, desfilando nas várias salas temáticas cujo tema principal era, no entanto, sempre o mesmo: a tecnologia enquanto nova centralidade integral, sua política de imersão participativa e de encantamento massivo-festivo, que convidava individualmente cada um de nós a nos reinventarmos, multiplicando ao infinito novos estilos e novos complexos híbridos culturais, revelando desse fato a nossa tecnofelicidade, a nossa facilidade em sermos tecnoculturalmente fascinados.

Contra a aparente harmonia desse desfile permanente de estatísticas do mundo desfilando em tempo real, talvez numa resposta simbólica e portanto (ainda) humana ao fluxo digital contínuo, destacavam-se os flashes aleatórios das câmeras fotográficas do público, como para (tentar, se for possível) imortalizar o momento. A exposição acabando, já tínhamos que sair, sempre seguindo o fluxo. E o fluxo humano de se auto-expulsar, rumo talvez à “pós-humanidade” de 2013. Não tinha como fazermos marcha atrás, caso tivéssemos, por exemplo, perdido alguma informação. Pois, os próprios fluxos de informação já tinham ido embora. Já tinham sido atualizados, e reatualizados.

Tratamento de choque: o planejamento da extraordinariedade

O (mega)evento em si *não acontece*: é próprio do (mega)evento ser perfeitamente desprovido de eventualidade. Idealmente, o (mega)evento é perfeitamente previsível, e deve decorrer exatamente da mesma forma como ele foi (ou terá sido) planejado. Nesse sentido o (mega)evento é fundamentalmente um *não-evento*, ou melhor dizer: um *não-acontecimento*. Sendo o próprio do (mega)evento *não acontecer*, ele não produzir “barulho” (no sentido utilizado na ciência física da turbulência), nem pode ter eventualidades (no sentido de acontecimentos inesperados). Ao contrário do acontecimento, que acontece ou se realiza de modo inesperado (o acaso, a eventualidade), o evento é um acontecimento organizado por especialistas (festa, espetáculo, comemoração, etc.), com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais. Assim, no evento – e no megaevento mais ainda –, o que se espera afinal é que *não aconteça nada*.

Estamos num paradigma (mega)eventista, que só revela uma vontade de planejar, organizar, e institucionalizar *tudo* em termos de extraordinariedade, espetacularidade e excecionalidade, para que não aconteça nada. O (mega)evento obedece à ética da responsabilidade e adota o discurso da necessidade. Por oposição, o acontecimento é do domínio do acaso e da ética bem mais radical da convicção. Assim, o megaevento é um *show* ideal cuja transparência e atratividade devem ser inquestionáveis, sem que, mais uma vez, nada aconteça.

Por oposição, os acontecimentos são imprevisíveis e podem sempre surgir, “acontecer” antes, durante, e depois do evento – nas formas mais extremas (acidente, violência, hooliganismo, crime, atentado terrorista, desastre, azar, catástrofe humana ou natural, e outros casos). Representando tudo aquilo que sai do “plano do planejado”, o acontecimento produz um contraste, um “*retour du réel*”, ou “*effet de réel*”.

Ora, se o futuro do Rio está inteiramente (pre)definido pelos megaeventos que, afinal de contas são, como vimos, mega(não-)eventos, como definiremos esse futuro? Qual seria um futuro integralmente (pre)definido pelos seus mega(não-)eventos? Um não-futuro?!

O Outro extremo dos megaeventos: o social em questão

“A partir do momento que a cidade é vista como mercadoria, vendê-la se converte em objetivo básico dos governos locais. Existem múltiplos clientes, mas o preferencial é o grande capital internacional. Nesse sentido, o marketing urbano se transforma no modelo de gestão da cidade. (...). O importante não é o que a cidade é, mas sim o que ela oferece para atrair os capitais. Começamos então a vender imagens. No planejamento estratégico do Rio, por exemplo, está escrito que um dos problemas da cidade é a visibilidade da população de rua. Ou seja, o ruim não é haver pessoas que não possuem moradia, mas sim elas serem visíveis. Se nós conseguirmos escondê-las, nosso imbróglcio está resolvido. A miséria se torna um problema paisagístico. Nesse sentido, a cidade é pensada como uma mercadoria de luxo; não é qualquer um que pode tê-la.” (VAINER, 2010).

Sendo o projeto de cidade integralmente hiperrealizado pelos megaeventos, seus outros extremos - população de rua, favelado - estão sendo invisibilizados.

Na era dos megaeventos, o social torna-se marginal, secundário, descartável, escapável. O social aparece apenas como o *dark side* (lado obscuro) dos megaeventos. O mais relevante na era dos megaeventos são os fluxos, as massas, dentro dos quais o social tende a desaparecer.

Como definirmos essa mudança que o Rio está experimentando, sem ficarmos com uma sensação de profunda ambivalência? Em termos de megaeventos festivos e futuristas, ou em termos de remoções e criminalização? Teríamos dois processos paralelos, duas temporalidades antagônicas: a temporalidade planejada, acelerada e hegemônica do *reengineering* urbano dos megaeventos, e a temporalidade própria de uma condição social humana (ainda) inscrita no decorrer histórico. Os dois representariam as duas faces desse *Rio de Jano*, verdadeira “Maravilha Mutante”³⁶: o Rio Re-Maravilha do “para todos!”, e o Rio Distópico do “para quem?”. O que significa, para o carioca, viver na consciência permanente de uma agenda de megaeventos efêmeros que muito em breve deflagrarão na cidade: o gozo de se saber “sob os olhares do mundo”³⁷?

A mudança de atitude em relação a um presente escapista reduzido à promessa de um futuro melhor está presente nos espaços da cidade, na linguagem e nas conversas³⁸, nas formulações – ainda hesitantes – à volta de um novo imaginário da cidade, ou na cidade. O choque de agenda gera um choque de representações divergentes. Teríamos uma inversão de perspectiva: o social-resíduo (de uma vida que um dia foi experiência direta, cotidiana, contingente, imediata, feita de lutas, antagonismos, conflitos, dinâmicas, etc.) torna-se o *Outro* dos megaeventos.

Assim por exemplo, a “resistência dos cracudos”, invisíveis do ponto de vista verticalizado dos *rankings*, contradizem a ordem civilizadora dos megaeventos. Alguns títulos do jornal *O Globo*, após a ocupação policial dos Jacarezinho e Manguinhos, em outubro de 2012, sugerem a indesejável resistência passiva desses “invisíveis”:

“Quatro horas após ação de acolhimento, usuários retornam à cracolândia do Parque União”³⁹. “Dez horas após ocupação de Manguinhos, usuários voltam à cracolândia na linha férrea”⁴⁰. “A cracolândia resiste no Jacarezinho e em Manguinhos”⁴¹. “Cracolândia em Manguinhos resiste à presença das forças de segurança”⁴². “Usuários de crack voltam a usar a droga em comunidades ocupadas”⁴³.

O novo paradigma/ciclo econômico dos megaeventos conseguiria expulsar o social, deixando apenas algumas “vitrines do social”: “UPP Social”, “redes sociais”,

“empreendedorismo social”, “negócio social”, “tecnologias sociais da imaginação criadora”, etc. Num mundo hiperconectado e tecnoculturalmente surdeterminado, não parece supérfluo questionar a relevância do social enquanto fator explicativo e/ou transformador dos processos históricos. Frente aos megaeventos, o social não seria mais prioridade, e deveria apenas seguir o movimento do progresso inelutável flexibilizando-se, adaptando-se a todo custo à nova dinâmica, ou morrer simplesmente no fim da linha do crack. O inevitável calendário dos megaeventos coloca de fato *o social em questão*.

As prioridades das políticas sociais (saúde, educação, moradia,...) desaparecem para deixar o espaço integral à política festivo-participativa na cidade dos megaeventos. A política de pacificação está sendo vendida ao mundo como uma forma de civilização (acesso aos direitos, justiça, cidadania,...). Temos uma nova forma de civilização, pro-ativa *para e pelos megaeventos*. Podemos questionar o lugar do social na era dos megaeventos e perguntarmos se ele não estaria de fato sendo (re)definido apenas:

- *negativamente*: custo da vida (moradia, transporte) cada vez mais elevado, remoções, criminalização da pobreza e dos movimentos sociais;
- ou de forma *híbrido-ambivalente*, seja:
- numa vertente *empresarial*: emergência de novos negócios graças às UPPs, (desin)formalização da economia e dos serviços, competitividade dos espaços e territórios, *gentrification*;
- ou numa vertente *tecnocultural*: redes sociais, conectividade, interatividade, comunidades virtuais.

Ao mesmo tempo, o social não se reconhece nessas (re)definições “residuais” que a lógica dos megaeventos parece estar desenhando. Contra todas as probabilidades, as lutas contra as remoções e contra a criminalização da pobreza estão de fato rejeitando uma ideologia que, muito mais potente do que o *crack*, pretende vender os megaeventos como se fossem a solução única para a marca “RJ” – de resto já *registrada*⁴⁴.

O Brasil (ainda) é o país do futuro? O futuro híperrealizado dos megaeventos

“Se o Brasil é o país do futuro, o futuro chegou.” (Barack Obama)⁴⁵.

Durante o seu discurso de visita ao Rio de Janeiro em 2011, o presidente norte-americano Barack Obama usava (provavelmente sem saber) uma fórmula semelhante à do Sérgio Magalhães proferida no ano anterior e citada no início deste texto (“Para o Rio, o futuro é hoje”), espalhando o aparente paradoxo a todo o Brasil⁴⁶. Se, por acaso, o ano 2011 também marcava o septuagésimo aniversário da publicação do clássico *Brasil, país do futuro*, de Stefan Zweig (1941), a razão principal para o futuro ter chegado ao Brasil com tanta sincronia era bem mais hípersignificada pelo advento dos megaeventos de 2014 e 2016⁴⁷. Dessa vez, o Brasil só poderia dar certo.

Era como se, para o Brasil, agora país do futuro no presente, os megaeventos marcassem no contexto da modernidade global avançada, a chegada a um novo ciclo econômico. De repente os megaeventos apareciam como a metáfora perfeita para a economia política atual, cujos grandes eixos – economia de serviços, economia simbólica, economia criativa, cultura digital, e economia recreativa de entretenimento - se encontravam perfeitamente sincronizados, hiperrealizados. Talvez os megaeventos chegassem até a funcionar como uma forma de ajuste estrutural - necessariamente (re)definido doravante em termos de “desenvolvimento sustentável”. Só um tratamento de choque, a base de frenesi consumista e festivo, acoplado com tecnologias de vigilância (HORNE, 2011) é que iria resolver *tudo*. Efeito da verticalização do ponto de vista, a mudança de atitude estava sendo oficialmente reafirmada, internacionalmente aprovada.

Como tem demonstrado Carlos Vainer (2010; 2011), os megaeventos geram um estado de exceção, uma “cidade de exceção”, onde a exceção é a nova regra: a política dos megaeventos faz parte integrante da política da cidade, e a política da cidade torna-se a política dos megaeventos. Enquanto prioridade e nova centralidade para a cidade, o projeto de cidade resume-se aos megaeventos:

Se o processo de transformação da cidade em mercadoria, empresa e pátria é o processo de despolitização da cidade (...), um megaevento (...) leva isso ao extremo e gera o que nós podemos chamar de *cidade de exceção*, por analogia ao estado de exceção. É aquela cidade onde não vigoram mais as regras de convivência urbana, porque outra razão se impõe. Nela, há o controle direto do capital sobre a direção da cidade. A *cidade de exceção*, ao final, penetra o conjunto do tecido urbano, permitindo esconder a pobreza e autorizando a criminalização dessa pobreza. (VAINER, 2010).

Se a cidade de exceção é a ideologia, o megaevento é o paradigma. Além da cidade de exceção, teríamos também um “futuro de exceção”, marcado pela extraordinariedade. A perfeita identificação entre o Rio de Janeiro (e mais além, o Brasil) e o futuro está integralmente (pre)definida, surdeterminada pelos megaeventos de 2014 e 2016 que se tornam presentes de fato nesse presente cheio de futuro próximo. Parece que saímos do presente, rumo a *esse* futuro. O problema é que não temos como sair *desse modelo de futuro hiper(pre)definido*.

Essa saída extática do normal, do presente, e da espessura do tempo social para uma promessa (provavelmente excessiva) de futuro excepcional e extraordinário dá corpo à cidade de exceção que promete a festa permanente e transparente dos megaeventos para todos. Interessante é pensarmos na *repetição* de dois megaeventos em seguida – não só 2014 ou 2016, mas 2014 e 2016. Tratamento de choque e choque de futuro: como se *um* megaevento não fosse o suficiente para o Rio acordar de um sono de mais de 40 anos de abandono, e começar a acreditar nesse “sonho que virou realidade”, para retomar o slogan do projeto Porto Maravilha.

Conclusão: fuga terminal rumo ao pós-humano? O Rio “pós-2016”

“If you have any doubt as to whether you are posthuman or merely human, take a look at the following parts of your body: the city, the house, the car, the iPhone, the laptop, the iPod, the pillbox, the nonflesh surround.”⁴⁸ (CODRESCU, 2009, p. 2-3).

Vendidos às populações como uma “oportunidade única” (para quem?), os megaeventos aparecem também como um desafio (para todos), convidando qualquer um a ultrapassar os limites da sua condição meramente humana. A economia política dos megaeventos é também uma política de participação festiva, um convite à superação que deve envolver e encantar a todos. Mais uma saída, mais uma fuga do presente e da realidade contingente da condição humana, agora hiperrealizada pelas figuras do operário-atleta da construção civil, do atleta-superhomem olímpico, e do híbrido rede-homem – pós-humano solipsístico hiperconectado com o mundo inteiro no seu *smartphone* e ao mesmo tempo perfeitamente desconectado de qualquer forma de processo histórico-social. A cidade que se reinventa pelos megaeventos é também palco de um convite geral para todos a se reinventarem *como um*⁴⁹.

Na marcha inelutável rumo à “revolução” pelos megaeventos, os operários da construção civil - pelo menos os envolvidos nas obras faraônicas das Vila Olímpica, Cidade Olímpica e outros Maracanãs - tornam-se atletas, heróis da cidade. Recuperados, eles exibem, à vontade, aquele sorriso comercial da economia de serviços tipo “qualidade total”⁵⁰. Os megaeventos aparecem como uma gigantesca publicidade para o Superhomem que está em cada um de nós. A performatividade do discurso da superação nas narrativas sobre a cidade, os megaeventos, os atletas, ou os operários, é sobredeterminada pelas tecnologias de comunicação, e pela transparência e exposição permanentes.⁵¹

Num registro diferente, encontramos uma linha de convergência que parece confirmar a profunda transformação da mentalidade carioca na hora dos megaeventos. Apostando (com toda razão!) no poder da imaginação criadora para transformar situações e processo históricos, a narrativa emergente sobre o “novo carioca” tenta acabar com os velhos clichés da cidade partida, inventando novas formas de se estar e se relacionar com o outro na cidade (SILVA *et al.*, 2012) - o que de resto parece atualizar o velho tema da Escola de Chicago (a cidade como “estado de espírito”, e a centralidade analítica do eixo segregação/mobilidade)⁵². Se a cidade não é mais partida, é graças à mobilidade do novo carioca. Essa mobilidade é uma realidade, e ao mesmo tempo, uma utopia que deve concretizar-se. Por isso o novo carioca não tem perfil sociológico nem localização geográfica definidos, pois ele é uma tendência, uma ideia, um idealtipo, uma utopia criativa, uma performance. Inventando novas pontes para sua mobilidade, ele também (re)inventa a cidade pós-partida como cidade reconciliada, integrada, inteira⁵³.

Outra forma de superação: pela tecnocultura. O futuro está sendo integralmente (pre)definido, escaneado pela cultura digital e outras economias criativas das cidades inteligentes e sustentáveis. Pensando já no legado do “pós-2016”, fiquemos sabendo que um “Comitê de Desenvolvimento do Legado” foi criado no Rio de Janeiro, para “planejar o futuro da área olímpica”. Esse plano prevê, por exemplo, “a transformação dos prédios do centro de imprensa em polo de empresas das indústrias criativa e digital”⁵⁴.

Confirmando a antecipação performativa (e algo presunçosa) do futuro, inclusive na (pre)visão de um legado integralmente definido pelas cultura digital e outras economias criativa e recreativa (pois interativas e participativas), a saída da realidade do presente aparece também como a saída do (não-)lugar de um social integralmente escaneado pela vigilância digital. Enquanto reino do pós-humano, o

advento próximo e (não) tão esperado do “pós-2016” estaria confirmando o fim do social. Migração, êxodo, escapismo: rumo ao futuro eufórico, ao êxtase tecnocultural! Nada será como antes? Já é! O Rio “pós-2016” será pós-humano ou não será!

Referências

CDURP. *O museu das possibilidades*. Rio de Janeiro: Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP), 2012.

CODRESCU, Andrei. *The Posthuman Dada Guide*. *Tzara & Lenin Play Chess*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2009.

COELHO, Eliomar. *Reengenharia na cidade*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995.

COMITÉ Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. *Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2011 (Relatório).

FRIEDMAN, Thomas L. *The World is Flat. A Brief History of the Twenty-first Century*. New York: Picador, 2005.

HAMMER, Michael, e CHAMPY, James. *Reengineering the Corporation: A Manifesto for Business Revolution*. New York: HarperCollins Publishers, 1993.

HORNE, John. *Building BRICs by Building Stadiums: Preliminary Reflections on Recent and Future Sports Mega-Events in Four Emerging Economies*. Londres: British Library, Sport & Society, *The Summer Olympics and Paralympics Through the Lens of Social Science*, 2011. Disponível em: <http://www.bl.uk/sportandsociety/exploresocsci/sportsoc/mega/buildingbricks.pdf>. Acesso em 19 out. 2012.

HORNE, John, e WHANNEL, Garry. *Understanding the Olympics*. Oxon & New York: Routledge, 2012.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra, PRIEGO-HERNÁNDEZ, Jacqueline. *Underground Sociabilities. Identity, Culture and Resistance in Rio de Janeiro's Favelas*. *Final Report*. Londres: LSE, 2012 (Relatório).

KLEIN, Naomi. *The Shock Doctrine. The Rise of Disaster Capitalism*. New York: Picador, 2008.

MAGALHÃES, Sérgio. “Para o Rio, o futuro é hoje”. *O Globo*, 26 de junho de 2010.

MASCARENHAS, Gilmar, BIENENSTEIN, Glauco, e SÁNCHEZ, Fernanda (org.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MILES, Malcolm. *Cities and Cultures*. New York: Routledge, 2007.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. *UPPs, direitos e justiça*. Um estudo de caso das favelas do Vidigal e do Cantagalo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012.

OLIVEIRA, Francisco. *Jeitinho e jeitão*. Uma tentativa de interpretação do caráter brasileiro. *Revista Piauí*, n. 73, p. 32-34, outubro de 2012.

PAES, Eduardo. “A nova engenharia da Cidade Maravilha”. *Porto Maravilha*, n. 8, Rio de Janeiro: Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP), p. 2, junho de 2012.

PARK, Robert E. *The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. In: PARK, Robert E., BURGESS, Ernest W., e MCKENZIE, Roderick D. *The City*. Chicago & Londres: The University of Chicago Press, 1925. p. 1-46.

ROLNIK, Raquel. “Favelas cariocas entre a montanha e o mar são patrimônio da humanidade”. *Blog de Raquel Rolnik*, 2 de julho de 2012. Disponível em: <http://raquelrolnik.wordpress.com/2012/07/02/favelas-cariocas-entrea-montanha-e-o-mar-sao-patrimonio-da-humanidade/>. Acesso em: 19 out. 2012.

SILVA, Jailson Souza de, BARBOSA, Jorge Luiz, e FAUSTINI, Marcus Vinícius. *O novo carioca*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

VAINER, Carlos. “Megaeventos podem transformar Rio em ‘cidade de exceção’”. *Superintendência Geral de Comunicação Social da UFRJ*, 30 de março de 2010. Disponível em: http://www.olharvirtual.ufrj.br/2010/index.php?id_edicao=290&codigo=3. Acesso em 19 out. 2012.

VAINER, Carlos. “Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro”. *XIV Encontro Nacional da ANPUR*. Rio de Janeiro: ANPUR, 2011.

Notas

1 Bolsista CAPES/Brasil, UFF/PPGA. Email: jorge.delabarre@gmail.com.

- 2 “O livro de Klein [*A doutrina do choque*, 2008] é uma visão valiosa sobre a história recente. Que relação o esporte – e especialmente megaeventos esportivos – tem com o capitalismo de desastre? (...) sugerimos que [os] espetáculos esportivos podem ser vistos como o gêmeo da terapia de choque do capitalismo de desastre, envolvendo seus próprios choques e gerando suas próprias formas de pavor. Ganhar uma candidatura para sediar um megaevento, colocar os números da fantasia financeira do documento de licitação em operação, lidar com a localização proposta antes e lidar com ela após o evento ter ocorrido, são apenas alguns dos momentos quando choque e pavor são gerados por megaeventos esportivos. A cidade do Rio de Janeiro oferece um interessante estudo sobre a medida em que uma Olimpíada e uma Copa do Mundo impactarão, positiva e negativamente, a ecologia de uma cidade com pobreza massiva, crime e consumo de drogas.” (tradução do autor).
- 3 Eduardo Paes, “A nova engenharia da Cidade Maravilha”, *Porto Maravilha*, n. 8, Rio de Janeiro: Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP), p. 2, junho de 2012.
- 4 “Porto Maravilha: um sonho que virou realidade”. *Porto Maravilha*. Rio de Janeiro: Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP). Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx>. Acesso em 19 outubro de 2012..
- 5 A julgar pelas referências na literatura urbanística brasileira, o livro *Reengenharia na cidade*, de Eliomar Coelho (1995), passou praticamente despercebido. Eu usei aqui o termo de *reengineering*, pois trata-se originalmente de um conceito de *business management* norte-americano.
- 6 *Total quality management* é outro nome para o *reengineering*.
- 7 *Risk management* é também outro nome para o *reengineering*.
- 8 “Aqui eu estava em Bangalore - mais de 500 anos depois de Colombo ter navegado no horizonte, usando as tecnologias rudimentares de navegação de seu dia, e depois dele ter voltado em toda segurança para comprovar definitivamente que o mundo era redondo — e um dos mais espertos engenheiros indianos, treinado num dos melhores institutos técnicos do seu país e apoiado pelas tecnologias mais modernas de sua época, estava dizendo-me essencialmente que o mundo era plano— tão plano como a tela em que ele podia hospedar uma reunião com sua cadeia de fornecimento global. Ainda mais interessante, ele estava citando esse desenvolvimento como uma coisa boa, como um novo marco no progresso humano e uma grande oportunidade para a Índia e para o mundo — o fato de que nós tínhamos feito o nosso mundo plano!” (tradução do autor).
- 9 Horne e Whannel observam: “(...) the aftermath or repercussions of sports mega-events are often discussed now in terms of their ‘legacies’, rather than their ‘impacts’.” (HORNE e WHANNEL, 2012, p. 202). “(...) o resultado ou as repercussões de megaeventos esportivos agora são frequentemente discutidos em termos de seus ‘legados’, em vez de seus ‘impactos’.” (tradução do autor).

- 10 “Sob os trilhos de Londres”, *O Globo*. 26 de outubro de 2012.
- 11 “Visões distintas da marca que as Olimpíadas devem deixar no Rio”, *O Globo*, 6 de outubro de 2012.
- 12 Pensemos no modelo-padrão absoluto — passado, presente, e futuro —, representado pela cidade de Barcelona, que recebeu as Olimpíadas em 1992. No entanto, esse modelo-padrão está possivelmente sendo atualizado após o recente sucesso de Londres na organização das Olimpíadas de 2012.
- 13 Lembremos a profunda ambivalência da figura do modelo — reproduzível (ou desejável), reproduzido (ou copiado), descartável (ou esquecido) — e a decorrente efemeridade do seu ciclo de vida.
- 14 Na hora da marcha acelerada em preparação para os megaeventos que provavelmente mudarão para sempre a face da cidade, é significativo que o Rio ganhe paralelamente, em julho de 2012, o título de patrimônio da humanidade da UNESCO, na categoria (inédita) de “paisagem cultural”.
- 15 “Beltrame diz que UPP da Rocinha vai quebrar paradigmas”, *O Globo*, 19 de setembro de 2012.
- 16 Relativo à recente nomeação da cidade do Rio de Janeiro como patrimônio da humanidade, Raquel Rolnik pergunta propositadamente: “como consolidar estas favelas diante do furacão de valorização imobiliária que assola o Rio de Janeiro e que, inclusive, esta nomeação de patrimônio da humanidade ajuda a turbinar?” (ROLNIK, 2012).
- 17 Segundo *O Globo*, até setembro de 2012, 250 vidas foram poupadas graças às UPPs: “Nova realidade nas favelas: 250 vidas poupadas”, *O Globo*, 22 de setembro de 2012.
- 18 “Segundo pesquisa de percepção do Rio Como Vamos, sensação de segurança aumenta entre cariocas”, *O Globo*, 29 de junho de 2011.
- 19 “Light segue UPPs na regularização do fornecimento de energia”, *O Globo*, 21 de junho de 2010.
- 20 “As melhores e as piores UPPs: o *ranking* da pacificação”, *O Globo*, 31 de março de 2012
- 21 “Pesquisa aponta crescimento de 23% em negócios de cinco favelas com UPPs”, *O Globo*, 17 de outubro de 2012.
- 22 “Liberdade política é reforçada com implantação das UPPs”, *O Globo*, 10 de novembro de 2012.
- 23 “Projeto da UPP mudou a cara do Rio para o mundo’, afirma Paulo Storani”, *O Globo*, 14 de outubro de 2012; “Ocupação de favelas no Rio é destaque nos principais jornais do mundo”, *O Globo*, 14 de outubro de 2012.
- 24 “UPPs fazem cariocas se misturarem pela cidade”, *O Globo*, 10 de novembro de 2012.

- 25 “Favelas com UPP são pontos turísticos da vez”, *O Globo*, 3 de dezembro de 2011.
- 26 “Favelas com UPP entram no mapa oficial do Rio”, *O Globo*, 14 de outubro de 2012.
- 27 “Internet sem fio chega à Rocinha em março”, *O Globo*, 2 de fevereiro de 2010; “UPP da Rocinha é a mais tecnológica do estado”, *Globo TV*, 21 de setembro de 2012.
- 28 “Moradores de áreas com UPP têm mais celulares que a média da população do país”, *O Globo*, 20 de julho de 2012.
- 29 “Portela vai mostrar como a tecnologia pode ser um instrumento para a paz e a igualdade”, *O Globo*, 14 de fevereiro de 2010.
- 30 “Beltrame quer pressa em investimentos sociais pós-UPPs: ‘Nada sobrevive só com segurança’”, *O Globo*, 28 de maio de 2011; “A UPP tem que ter um tsunami de ações” (entrevista com Secretário estadual de Segurança José Mariano Beltrame), *Metro Rio*, 10 de outubro de 2012.
- 31 “Alzirão: policiamento e choque de ordem ajudam a festa”, *O Globo*, 20 de junho de 2010.
- 32 “Lista das ‘praias mais perigosas do mundo’ inclui Copacabana: ‘crime’”, *O Globo*, 20 de setembro de 2012.
- 33 Quem chegava ao Rio pelo Aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão) durante a Rio+20 também encontrava, no corredor de banners no caminho de saída do aeroporto, mensagens convidando para uma reflexão em torno do tema sustentabilidade: “O Rio do futuro tem futuro”, “Recicle suas Atitudes”, “Não é você que queria mudar o mundo?” e “Você tem consciência sustentável ou consciência pesada?”.
- 34 “Museu do Amanhã será o ícone da revitalização da Zona Portuária, diz Paes”, *O Globo*, 2 de maio de 2012.
- 35 “Cidades, futuros possíveis”, seminário internacional, Casa da Ciência/UFRJ, 16 e 17 de agosto de 2012.
- 36 “Maravilha Mutante”, dossiê especial de *O Globo* na ocasião dos 447 anos do Rio de Janeiro, 1 de março de 2012.
- 37 “Sob os olhares do mundo”, *Revista Globo* especial Rio+20, 10 de junho de 2012.
- 38 O já famoso “Imagina na Copa!” tornou-se, parece, o horizonte único do (não menos famoso) jeitinho carioca. Ou fez, pelo menos, a capa da *Revista O Globo* do 5 de agosto de 2012, com o seguinte título: “Imagina na Copa! O bordão do momento inspira textos exclusivos de dez personalidades sobre o Rio em 2014.”
- 39 *O Globo*, 17 de outubro de 2012.

- 40 *O Globo*, 14 de outubro de 2012.
- 41 *O Globo*, 12 de outubro de 2012.
- 42 *O Globo*, 13 de outubro de 2012.
- 43 *O Globo*, 15 de outubro de 2012.
- 44 Ver no site “RJ: Rio de Janeiro Marca Registrada do Brasil”: “O Rio tem muitas qualidades que você só encontra aqui. Cada pessoa, turista ou morador, tem a sua preferida, que enche de orgulho e faz do nosso Estado o melhor lugar do mundo. É isso que faz do Rio um lugar único. É isso que faz do Rio Marca Registrada do Brasil.” Disponível em: <http://marcarj.com.br/>. Acesso em 19 out. 2012.
- 45 ”Se o Brasil é o país do futuro, o futuro chegou’, diz Obama”, *Revista Época*, 20 de março de 2011.
- 46 Relativo à escolha do Rio como sede das Olimpíadas de 2016, Obama também declarou: “Vocês sabem que o Rio não era minha primeira opção (...). Mas depois que Chicago saiu, eu não preferia nenhum lugar ao Rio” (*Revista Época*, 20 de março de 2011). Lembremos *en passant* que durante a candidatura para receber as Olimpíadas de 2016, o comitê popular *No Games Chicago*, argumentando que a cidade de Chicago tenha outras necessidades prioritárias para o gasto do dinheiro público (hospitais, moradias, escolas, trens,...), apoiava a candidatura... do Rio. O cartaz *Chicagoans for Rio 2016* dizia: “It would be exciting to host the Olympics here in Chicago. But you know what would be even better? Rio de Janeiro. Just let Rio host the 2016 Olympics. We don’t mind. Honest.” (“Seria legal sediar as Olimpíadas aqui em Chicago. Mas você sabe o que seria melhor ainda? O Rio de Janeiro. Deixe o Rio sediar as Olimpíadas de 2016. Nós não nos importamos. Sério!” – tradução do autor).
- 47 No ano seguinte, em junho de 2012, durante a Rio+20, uma mensagem no corredor de *banners* no caminho de saída do Aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão) confirmava, não menos paradoxalmente, a aparente onnipresença desse futuro no presente: “O Rio do Futuro tem Futuro”.
- 48 “Se você tem alguma dúvida em saber se você é pós-humano ou meramente humano, dê uma olhada nas seguintes partes do seu corpo: a cidade, a casa, o carro, o iPhone, o laptop, o iPod, a caixa de pílulas, o ambiente.” (tradução do autor).
- 49 Não à toa, a coligação de 20 partidos liderada pelo Prefeito Eduardo Paes reeleito em outubro de 2012 intitulava-se “Somos um Rio”.
- 50 Francisco de Oliveira escreve: “(...) a burla é uma forma de adotar o capitalismo como uma solução incompleta na periferia do sistema. Incompleta porque o capitalismo trouxe para cá a revolução das forças produtivas, mas não as soluções formais de civilidade.” (OLIVEIRA, 2012, p. 32).
- 51 A propósito da espetacularização das cidades que se reinventam em permanência sob o efeito das suas próprias representações, Henri-Pierre Jeudy (2005) fala de “metaforicidade” e de “metalinguagem”.

- 52 Em 1925, Robert E. Park, um dos fundadores da Escola de sociologia urbana de Chicago, escrevia: “Not only transportation and communication, but the segregation of the urban population tends to facilitate the mobility of the individual man. The processes of segregation establish moral distances which make the city a mosaic of little worlds which touch but do not interpenetrate. This makes it possible for individuals to pass quickly and easily from one moral milieu to another, and encourages the fascinating but dangerous experiment of living at the same time in several different contiguous, but otherwise widely separated, worlds. All this tends to give to city life a superficial and adventitious character; it tends to complicate social relationships and to produce new divergent individual types. It introduces, at the same time, an element of chance and adventure which adds to the stimulus of city life and gives it, for young and fresh nerves, a peculiar attractiveness. The lure of great cities is perhaps a consequence of stimulations which act directly upon the reflexes. As a type of human behavior it may be explained, like the attraction of the flame for the moth, as a sort of tropism.” (PARK, 1925, p. 40-41). “Não só o transporte e a comunicação, mas a segregação da população urbana tende a facilitar a mobilidade do indivíduo. Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isto faz com que seja possível para os indivíduos, passar rapidamente e facilmente de um meio moral para outro, e encoraja o experimento fascinante mas perigoso de viver ao mesmo tempo em vários mundos contíguos e diferentes, e do resto amplamente separados. Tudo isso tende a dar à vida na cidade um caráter superficial e acidental; tende a complicar as relações sociais e a produzir novos tipos individuais divergentes. Isso introduz, ao mesmo tempo, um elemento de acaso e de aventura, que acrescenta ao estímulo da vida na cidade e dá-lo, para os nervos jovens e frescos, uma atração peculiar. A atração das grandes cidades é, talvez, consequência de estímulos que atuam diretamente sobre os reflexos. Enquanto tipo de comportamento humano, pode ser explicado, tal como a atração da chama para a traça, como uma espécie de tropismo.” (tradução do autor).
- 53 Num artigo intitulado “Gringo 2.0”, a jornalista Maria da Luz Miranda chega a sugerir que o próprio carioca entrou na lista das maravilhas do Rio – sem precisar no entanto se se trata é do novo ou do velho carioca: “Sensação de segurança, serviços melhores e otimismo para os próximos anos atraem um novo perfil de turistas, que estreitam laços com a cidade e incluem o próprio carioca na lista das maravilhas do Rio.” “Gringo 2.0”, *Época*, edição especial “Rio de Janeiro 2016 cidade olímpica”, abril de 2012, p. 104.
- 54 “Lições olímpicas: em Londres, custo menor e racionalidade”, *O Globo*, 5 de outubro de 2012.

Recebido em novembro de 2012, aprovado para publicação em janeiro de 2013.

